



Ministério da Educação – Brasil  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
Minas Gerais – Brasil  
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas  
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM  
ISSN: 2238-6424  
QUALIS/CAPES – LATINDEX  
Nº. 09 – Ano V – 05/2016  
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

## **Religião e identidade homossexual: um estudo de caso em Juiz de fora - MG**

Prof<sup>ª</sup>. MSc. Andréa Kelmer de Barros  
Mestre em Ciência da Religião pela Universidade Federal  
de Juiz de Fora/MG - Brasil  
Doutoranda em Política Social na Universidade Federal Fluminense - UFF  
Docente da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri - Brasil  
<http://lattes.cnpq.br/4715572214827948>  
E-mail: [andrea.kelmer@gmail.com](mailto:andrea.kelmer@gmail.com)

**Resumo:** A proposta do presente artigo é apresentar as formas como a religião historicamente buscou definir a homossexualidade e traçar, a partir daí, o perfil da identidade homossexual presente em Juiz de Fora desde o primeiro concurso Miss Brasil Gay em 1977. Nosso estudo tem início no ano de 1977, quando ocorre o primeiro concurso Miss Gay em Juiz de Fora, e se estende até o ano de 2000. A pesquisa se efetivou através do estudo histórico sobre as orientações religiosas aprendidas socialmente acerca da homossexualidade, assim como da organização homossexual em Juiz de fora, e contou ainda com a realização de entrevistas com líderes e participantes do concurso, e análise documental dos principais jornais da cidade no período proposto para o estudo. Acreditamos que os valores e concepções religiosas interferem diretamente no curso da formação desta identidade homossexual no município em tela, bem como na presente luta do movimento LGBT no Brasil.

**Palavras-chave:** Homossexualidade. Controle social e religioso. Concurso Miss Brasil Gay.

## Introdução

Este artigo<sup>1</sup> tem como objetivo fazer uma investigação sobre a identidade homossexual existente na cidade de Juiz de fora, a partir do mais importante evento gay na cidade: o concurso Miss Brasil Gay, existente desde o ano de 1977. Iniciamos esta pesquisa buscando compreender as formas como a religião historicamente definiu a homossexualidade, priorizando o estudo dos valores e regras por ela atribuídos à homossexualidade no Brasil.

Nosso estudo tem início no ano de 1977, quando ocorre o primeiro concurso Miss Gay em Juiz de Fora, e se estende até o ano de 2000. Não demos continuidade aos anos seguintes por duas razões. Primeiro porque a partir do ano de 2000, o Miss Brasil Gay passa a ter uma galeria de organizadores mais ampliada, jovem e interessada em transformar o evento em um grande show. O concurso perde dois de seus primeiros organizadores, e ainda sofre com a notícia de um AVC sofrido pelo mentor do evento, que coloca limites em sua participação direta na organização do evento. O local do concurso também foi alterado após o ano de 2000, sendo administrado por um grupo diferente do que o organizava até o ano de 2000. O segundo motivo, deve-se à criação do Movimento Gay de Minas na cidade, o MGM. Esta ONG dará um novo cenário à organização homossexual em Juiz de Fora, e mereceria um estudo à parte; são novos desafios, novos personagens no contexto da luta homossexual.

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, conta com uma investigação a partir de dois importantes recursos técnicos: entrevista e fontes documentais. As pessoas selecionadas para as entrevistas foram: os fundadores do concurso Miss Brasil Gay, três participantes e organizadores do concurso, uma jornalista que teve importante papel na formação do concurso e três participantes do concurso, que estiveram presentes neste evento desde seus primórdios. As principais fontes utilizadas foram

---

<sup>1</sup> Este artigo é parte dos estudos de nossa tese, sobre o concurso Miss Brasil Gay em Juiz de Fora, que vem sendo elaborada no curso de doutorado, no programa de pós-graduação em Política Social na Universidade Federal Fluminense/Niterói, desde novembro de 2012.

matérias dos jornais Diário da Tarde, Tribuna da Tarde e Tribuna de Minas<sup>2</sup>. Lemos todas as matérias no período de 1977<sup>3</sup> a 2000 publicadas nos meses de agosto, que é quando ocorre o concurso Miss Brasil Gay na cidade. A escolha dos jornais se deve ao fato de serem estes os jornais de maior circulação em Juiz de Fora durante o período que selecionamos para esta pesquisa. Foram lidos 713 jornais (31 exemplares por ano) e encontradas 89 matérias que falavam sobre AIDS, homossexualidade, sexualidade, o concurso Miss Brasil Gay ou temas afins.

### **A homossexualidade e a aceção religiosa**

Os estudos sobre a homossexualidade são recentes. A própria concepção sobre o termo homossexualidade não possui longa data. De acordo com Fischer (2008) “o termo homossexual nem sequer existia até 1869, quando foi usado pela primeira vez em um panfleto contra leis anti-sodomia na Prússia. Já o termo *gay*, que em inglês quer dizer “alegre” e vem do *gai* francês, foi usado pela primeira vez com o atual significado por Gertrude Stein, em 1922, em seu livro *Miss Furr & Miss Skeene*”. (p. 09). Inicialmente, por desconhecimento, interpretação de textos bíblicos ou preconceito, os homossexuais foram julgados e condenados como pecadores.

Foi no contexto religioso que as primeiras condenações à pessoa homossexual foram identificadas. Entre os séculos VII e XI existia na literatura da Igreja Católica um guia para sacerdotes e fiéis conhecido por Penitenciais. Este guia instituiu penitências específicas para os mais diferentes pecados cometidos. Jurkewicz (2005) mostra que nestes Penitenciais já estavam presentes algumas “formas de atos homossexuais: toques, afetos, masturbação, homossexualidade ativa e passiva, habitual e ocasional. A homossexualidade era julgada como pecado

---

<sup>2</sup>O Jornal Diário da Tarde teve seu último número de circulação em novembro de 1983. O jornal Tribuna de Minas inicia sua circulação em fevereiro de 1983. Contudo, entre 1986 e 1993 o Tribuna de Minas passa a ser fabricado e vendido em Belo Horizonte, sendo lançado em Juiz de Fora, pelos mesmos fabricantes deste jornal, o Tribuna da Tarde. No ano de 1994 o Tribuna de Minas volta a ser vendido em Juiz de Fora.

<sup>3</sup> O número exato de matérias lidas e encontradas nos jornais selecionados para a pesquisa totaliza 89 matérias. As mesmas foram encontradas nos jornais ano a ano na seguinte proporção: 1977 – 03; 1978 – 03; 1979 – 05; 1980 – 02; 1981 – 01; 1982 – 01; 1983 – 02; 1984 – 01; 1985 – 08; 1986 – 01; 1987 – 02; 1988 – 02; 1989 – 04; 1990 – 06; 1991 – 05; 1992 – 04; 1993 – 02; 1994 – 02; 1995 – 03; 1996 – 04; 1997 – 05; 1998 – 10; 1999 – 06; 2000 – 13.

grave, e as penas eclesiásticas oscilavam entre 3 e 15 anos. As penas impostas eram mais duras para clérigos ou monges do que para leigos”. (p. 46)

Durante a Idade Média, a religião ditava as regras morais, políticas e sociais, determinando os tipos de pecado e suas devidas punições e condenações. A sexualidade era controlada e vigiada. Posteriormente, a medicina, em especial o campo da psiquiatria, torna-se a autoridade no conhecimento e diagnóstico sexual, publicando pesquisas as mais variadas sobre o tema. Paralela à psiquiatria, a justiça também irá se valer de um poder socialmente constituído para punir e prender os que não se comportarem segundo as regras sociais estabelecidas para o comportamento sexual dos cidadãos. Assim, o crime, o pecado e a doença, formam um tripé para se explicar e julgar a homossexualidade. E estes três saberes ainda hoje acompanham o cotidiano dos estudos e ações no campo da sexualidade e da homossexualidade. Nenhuma destas três instituições abandonou a preferência por julgar os atos sexuais. Simões e Facchini (2009) confirmam esta idéia.

A família, a escola, as igrejas, a mídia, a política, a medicina, o direito e a ciência em geral constituem a sexualidade em alvo privilegiado de regulação de condutas e exercício de poder, não raro convertendo-a em fonte de estigma, sofrimento e opressão. É desse modo que a sexualidade se faz um idioma onipresente e poderoso para exprimir hierarquias e desigualdades de toda sorte e de amplo alcance. (SIMÕES E FACCHINI, 2009, p.12)

Trevisan (1986) nos conta que desde o período colonial, no Brasil, sempre esteve muito presente o “pecado da Carne”. A promiscuidade, a pederastia, a sodomia, estavam presentes inclusive nas instituições religiosas brasileiras. Este quadro chegou a preocupar de tal forma a Santa Madre Igreja Católica, que estas tendências sexuais foram investigadas pela chamada Santa Inquisição. Trevisan ainda nos diz que “já no Rio de Janeiro, no final do século XIX, conta-se que havia um bordel masculino dirigido por Traviata, famosíssima bicha da época”. (p. 244)

No período das confissões realizadas pela Inquisição, a sexualidade foi catalogada e classificada. Quando os visitantes do Santo Ofício instalaram seus tribunais na Bahia e em Pernambuco entre os anos 1591 e 1620, de um total de 283 culpas confessadas nestes tribunais, há 44 casos de sodomia. O inquisidor questionava ao penitente tanto sobre seus pensamentos como seus atos

pecaminosos. Se inicialmente o ato praticado era razão para condenação, com o tempo, também as intenções e desejos, mesmo quando apenas fantasiados, eram passíveis de julgamento. De acordo com Trevisan (1986), no Brasil, esta chamada Santa Inquisição - que matou milhares de pessoas na Europa - demarcou de forma legítima uma clara perseguição aos homossexuais em nosso país. A Inquisição iniciou-se no século XVI, tendo seu auge no século XVIII.

Conforme o Código Penal Brasileiro, a homossexualidade não era diretamente punida. Havia leis contra a vadiagem, perturbação da ordem pública e prática de atos obscenos em público, que davam espaço à repressão policial e atingia, sobretudo, os mais pobres e os de pele mais escura. Apesar da punição e controle da sexualidade àqueles que afrontavam a sociedade e seus 'bons costumes', diferentemente de outros países como Estados Unidos, Alemanha e Reino Unido, onde a homossexualidade foi considerada durante muito tempo uma prática criminosa, no Brasil, as referências à sodomia deixaram de fazer parte do Código Penal desde 1830. Por aqui, o controle legal das práticas homossexuais se valeu das leis contra as relações sexuais envolvendo menores de idade (independentemente do sexo), o atentado ao pudor e a vadiagem. Até 1940, vigorou também uma proibição legal ao travestismo, então descrito como o uso em público de "trajes impróprios" para disfarçar o sexo com intenção de enganar. (SIMÕES NETO, 2011, p. 54)

Referenciados como loucos, pervertidos, doentes e pecadores, os homossexuais no Brasil iniciaram grupos e movimentos contra as constantes formas simbólicas e criminosas de violências que sofriam apenas na década de 1980. Essa década marca o início de uma luta organizada no país. Porém, desde os anos 1960 diversos clamores sociais por justiça, igualdade de direitos e questionamento de papéis exercidos por homens e mulheres no contexto familiar, deram força e luzes a esta mobilização da década de 1980. Castells (1999) menciona três fatores que contribuíram para o surgimento do movimento social homossexual: o clima de rebelião presente nos movimentos sociais dos anos 1960, que fez com que homossexuais de diferentes lugares começassem a se assumir enquanto tais; a resistência à violência contra a homossexualidade exercida pela sociedade, que

causou revolta até mesmo entre aqueles que só pretendiam viver de forma reservada e tranquila sua homossexualidade; e o questionamento feito ao patriarcalismo pelo movimento feminista, que não só questiona o que é ser mulher, mas também a masculinidade e os papéis sociais representados pelos homens. Castells acrescenta que foi nas décadas de 1970 a 1990 que movimentos sociais em defesa dos direitos de gays e lésbicas explodiram ao redor do mundo, tendo início nos Estados Unidos em 1969-70, posteriormente chegando à Europa, espalhando-se pelo mundo a fora. (CASTELLS, 1999). Foi exatamente neste período que na cidade de Juiz de Fora, Minas Gerais, nasce o primeiro concurso miss gay, as primeiras aparições públicas e fantasiosas de homossexuais que decidiram “sair do armário” e reivindicar uma identidade homossexual, a qual apresentaremos a seguir.

### **A identidade homossexual em Juiz de Fora - cidade sede do Miss Brasil Gay**

Juiz de Fora, que se torna município em 31 de maio de 1850, leva este nome por uma homenagem ao seu primeiro juiz, João Carlos Ribeiro e Silva. O referido juiz mudou-se para a cidade em 1708, residindo por lá até sua morte, em 1781. (STEHLLING, 1968) Por ser uma legítima cidade mineira, Juiz de Fora carrega em si traços de uma modernidade tardia. Conforme Paula (2000), a modernidade chega em Minas Gerais precoce, incompleta, com uma democracia equivocada e sem a universalização dos direitos sociais. Houve reprodução de privilégios, exclusão de classes, marginalização social e econômica.

Segundo Almeida (2008), a vida cotidiana do juizforano já no início do século XX era repleta de festas e eventos sociais, indo desde os mais elitizados, onde somente a parcela mais rica da cidade participava, até as festas populares, normalmente de cunho religioso. Influenciado pelo modelo parisiense que inspirava o Rio de Janeiro no início do século XX, Juiz de Fora se esforçou por renovar-se, tornando-se uma cidade moderna, limpa e saudável. Segundo a autora “os lugares os quais apenas a gentinha frequentava não faziam parte das chamadas dos jornais”. (ALMEIDA, 2008, p. 54) Na década de 1960, a prostituição incomodava determinados segmentos sociais de Juiz de Fora. O padre Wilson Valle da Costa,

que à época, tinha um programa em uma rádio da cidade, aproveitou a carta de uma ouvinte de um bairro de classe média da cidade que lhe escreveu reclamando dos namoros “quentes” que estavam ocorrendo em praça pública no bairro Jardim Glória, habitado por uma classe média, e declarou: “É, se peito de moça fosse buzina, ninguém dormia no Jardim Glória...” (COSTA, 2003, p. 45) Frases desta natureza davam ao padre audiência e respeito por parte da ala mais conservadora de Juiz de Fora. A frase foi considerada por jornalistas e comentaristas como ousada para a época. O padre apelou aos policiais da cidade que tomassem providências sobre o fato, mas segundo Costa (2003) relatos mostram que nada foi feito para conter os namoros na praça do bairro.

De acordo com Viscardi (1995), na década de 1970 a maior parte dos movimentos sociais foi criada em Juiz de Fora. As associações de moradores da cidade começaram a ser criadas ainda na década de 1940, sendo a maior parte criada nos anos 1970. Além destas associações, em torno de vinte Comunidades Eclesiais de Base foram criadas nesta década. Dirigentes de entidades assistenciais, sindicatos, igrejas e associações de moradores reuniam-se periodicamente no Conselho Municipal de trabalho e Bem- Estar social para proporem políticas públicas para o município. Este conselho foi criado nos anos 1960, quando Itamar Franco era prefeito de Juiz de Fora. Viscardi (1995) nos mostra em sua pesquisa realizada sobre a participação dos movimentos sociais junto ao poder público na cidade, que 91,89% das associações civis em Juiz de Fora nasceu na década de 1980, sendo apontado pelo autor como o período de maior mobilização da sociedade civil organizada. Vale ressaltar que é também neste período, entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, que o concurso Miss Brasil Gay ganhará força e visibilidade na cidade. Ele não se encontra inserido no conjunto dos movimentos sociais de Juiz de Fora, mas terá uma repercussão ampla nos anos que se seguem, como veremos mais adiante.

## O concurso Miss Brasil Gay e as intervenções religiosas

Como dissemos anteriormente, é nesse contexto de manifestações e formação de recentes movimentos sociais e da derrocada de um regime militar, que acontece o primeiro concurso Miss Brasil Gay em Juiz de Fora, no ano de 1977. Apesar deste histórico de controle social e individual na cidade, atualmente o município é conhecido por sediar diversos eventos<sup>4</sup> em defesa da pessoa homossexual. O concurso Miss Brasil Gay foi o primeiro evento na cidade que abriu as portas, dando notoriedade social aos sujeitos homossexuais. Esta história tem início em 1977, a partir de uma brincadeira, parodiando o concurso Miss Brasil para mulheres. Numa matéria apropriadamente intitulada “Onde tudo começou” (JORNAL MISS BRASIL GAY, abril de 2005), vemos que a ideia do concurso nasce com o cabeleireiro Francisco Mota, conhecido como Chiquinho, encenando Beth Vasconcelos, mais conhecida fora do país como Mademoiselle Debret Deblanc (referência ao pintor francês), que já fazia, antes de 1977, concursos gays de pequena proporção em sua residência. Apaixonada pelos concursos de Misses (de mulheres) que aconteciam no Maracanãzinho no Rio de Janeiro, realizava em sua casa, em Juiz de Fora, concursos gays com seus amigos e convidados. Ainda que fosse um evento sem grandes pretensões, e com um caráter apenas festivo, os concursos foram crescendo, e partiu-se para a ideia de tornar a brincadeira num acontecimento público. O Sport Clube<sup>5</sup> de Juiz de Fora, um clube tradicional em festas na cidade, que se localiza na região central da cidade, foi o local escolhido para o primeiro concurso. A matéria aponta o concurso com sendo a maior festa de Juiz de Fora e do Brasil. (JORNAL MISS BRASIL GAY, abril de 2005)

---

<sup>4</sup>Destacamos algumas atividades realizadas durante o Miss Brasil Gay para exemplificar a dimensão do número de participantes e a amplitude de debates propostos. Em 21 de agosto de 1999, durante mais de 4 horas, cerca de 3 mil pessoas se renderam aos encantos da 23ª edição do concurso de beleza homossexual, Miss Brasil Gay. A 31ª edição do Miss Brasil Gay em 2007, contou com 28 representantes de estados e ilhas do Brasil, O III Juiz de Fora RainbowFest teve palestras com temas como “Brasil 500 anos de descobrimento” e “milhares de preconceitos e Políticas GLBT em Minas Gerais”, a 4ª Parada Gay de Juiz de Fora reuniu mais de 70 mil pessoas nas ruas da cidade. A Parada Gay de 2007 supera o recorde de presenças: estima-se que cerca de 50 mil pessoas estiveram no local. A 8ª Juiz de Fora RainbowFest, apresentou uma mesa redonda “Sexualidade Positiva”, espaço em que os participantes trocam informações sobre AIDS. Entre os temas propostos, estão “Os gays no contexto atual da epidemia da Aids”, “A situação dos direitos dos homossexuais no poder judiciário”, “O programa Brasil sem homofobia” e “O Congresso Nacional e a luta dos homossexuais: novas perspectivas”. Fonte <http://www.acesa.com/zonapink/2007/materias/noticias/02-missminas/>. Acesso em 14/03/2008.

<sup>5</sup> O Clube situa-se à Avenida Rio Branco, 1303, no Centro da cidade.



Segundo o organizador do concurso, na época, a Escola de Samba Juventude Imperial passava por uma crise financeira e, para ajudar a agremiação, ele resolveu fazer uma festa. O evento tornou-se oficial, e passou a acontecer todos os anos em Juiz de Fora, sempre no mês de agosto. Contudo, Juiz de Fora não era uma cidade receptiva à pessoa homossexual no período em que o primeiro concurso ocorre.

Tivemos acesso a uma matéria de jornal na biblioteca municipal de Juiz de Fora que demonstra como os homossexuais eram tratados na cidade e nos faz pensar na importância do concurso frente a um quadro pouco receptivo para estes sujeitos. A matéria acusa que, principalmente aos domingos, após às 19h, os gays andam com seu andar reboativo, desrespeitando senhoritas e senhoras. Afirma-se que “os anormais” realizam práticas imorais pra quem quiser ver. Segue dizendo que “os mocinhos” dominaram a cidade e desfilam com suas cabeleiras femininas, muitos até com maquiagem. O delegado, autor das denúncias, se preocupava com as mulheres da cidade, que em breve não poderão andar em paz nas ruas das cidades sem serem xingadas, e afirmava que é necessária uma intervenção das autoridades para acabar com as tais “maricas”. (DIÁRIO DA TARDE, 1964, p. 05 e 06)

Queremos apresentar brevemente de que forma ocorre o concurso, ou seja, quais atividades acontecem no decorrer da noite do Miss Brasil Gay. Desde o terceiro concurso, já há uma notoriedade pública grande em Juiz de Fora, e o evento passa a adquirir determinadas normas, tornando a festa mais organizada. Não é preciso dizer que a grande atração são os desfiles das candidatas. Contudo, antes deste acontecimento, são realizadas apresentações teatrais e musicais de Drag Queens, artistas e dançarinos. Quando o desfile é anunciado, cada candidata é apresentada, desfilando, inicialmente, em trajes típicos, ressaltando a beleza, história e cultura dos Estados que representam. Posteriormente, em trajes de gala, com vestidos longos com pedrarias, brilhos e lantejoulas, deixando no público o encantamento e admiração pela sua beleza e elegância, as candidatas fazem sua última apresentação.

Um júri selecionado, muitas vezes com a participação de modelos, atrizes e personalidades atuantes no canal de televisão Rede Globo, julga os elementos necessários à eleição da candidata que mais se aproxima de uma mulher em sua performance na passarela. Ao final do concurso, a candidata vencedora é coroada, faz um breve desfile, onde recebe os aplausos do público presente. São premiadas também a miss com o vestido de gala e traje típico mais bonitos e a Miss Simpatia. Vale ressaltar que as candidatas devem declarar-se como pertencendo ao sexo masculino, ter idade mínima de 18 anos e não ter implante de silicones em nenhuma parte do corpo. Os elementos julgados são beleza, elegância, carisma e postura<sup>6</sup>. Um entrevistado, que chegou a concorrer a Miss nos primórdios do concurso confirmou os itens mais relevantes para a eleição da Miss

*“São cinco coisas: o vestuário que impressiona, a simpatia, beleza, elegância, comunicação. São cinco fatores que elegem uma Miss”.*

O Diário da Tarde também descreve os quesitos do julgamento do segundo concurso: beleza de rosto, comunicação, conjunto, feminilidade e elegância. Ao final da matéria lemos que o apoio da sociedade e a sua participação no desfile veio comprovar que o tradicionalismo já não é tão grande contra o gay “e que ele começa a ser entendido não como qualquer um, mas como ser humano”. (DIÁRIO DA TARDE, 1978, p.03)O esforço para serem aceitos, era também um esforço que alcançava como resultado uma identidade homossexual feminina, elegante e que queria apenas dar alegria ao povo, como nos informou o organizador do concurso. Nas suas palavras, “enquanto for um concurso que premie a beleza e que traga alegria aos participantes, a cidade o aceitará”.

Apesar de ser identificado por alguns como uma festa de gay, o concurso não ficou notório na cidade apenas por apresentar beleza e elegância. Politicamente recebeu lugar de destaque quando em 14 de agosto de 2007, o então prefeito da cidade, Alberto Bejani, assinou o Decreto nº 9275, reconhecendo o valor histórico do Miss Brasil Gay. Anteriormente, em 09 de agosto do mesmo ano, o evento foi

---

<sup>6</sup> Estas informações podem ser conferidas no regulamento do 36º concurso Miss Brasil Gay.

incluído pelo COMPPAC (Conselho Municipal de Preservação do Patrimônio Cultural) como o quarto Registro Imaterial da cidade. Além disso, o concurso também está incluído oficialmente no calendário de eventos da SETUR (Secretaria de Turismo do Estado de Minas Gerais) e do Ministério de Turismo do Governo Federal. Em ambos os documentos afirma-se que o concurso é um movimento cultural incorporado à história de Juiz de Fora e que levou a cidade a ser conhecida como uma cidade sem preconceitos.

No site de divulgação do 36º concurso Miss Brasil Gay<sup>7</sup> lê-se que em seu livro “Devassos no paraíso – a homossexualidade no Brasil”, o escritor João Silvério Trevisan destaca o Miss Brasil Gay como uma das primeiras manifestações organizadas da comunidade homossexual brasileira e, por isso, deve ser percebido como importante instrumento da luta pelos direitos dos homossexuais no país.

Apesar da aparente aceitação do juizforano à pessoa homossexual e, em especial, ao concurso Miss Brasil Gay, é necessário pontuar que a homossexualidade, historicamente, sempre foi passível de diversas interpretações religiosas<sup>8</sup> que por vezes assumem a homossexualidade como um desvio sexual, uma aberração da natureza, um comportamento que deve ser alterado ou curado para se levar uma vida “normal”<sup>9</sup>. Conforme o antropólogo Marcelo Natividade (2005, p.248) “tanto as experiências relativas à sexualidade como as vivenciadas no âmbito religioso fornecem, em diferentes momentos da vida, mapas culturais que orientam a vida dos sujeitos”.

Um de nossos entrevistados nos disse que havia uma influência muito grande da religião na vida das crianças mineiras, que aprendiam desde cedo que sexo era pecado e este era basicamente o único ensinamento sobre o assunto.

---

<sup>7</sup> Site de divulgação do 36º concurso Miss Brasil Gay. Acesso em 02 de agosto de 2013.

<sup>8</sup> A cidade de Juiz de Fora conta com diversas instituições religiosas e seitas. A revista Minas das Devoções salienta a pluralidade de crenças, e sistemas religiosos existentes em Juiz de Fora. Cf. TAVARES Fátima Regina e CAMURÇA Marcelo (Orgs), MinasdasDevoções. Diversidade religiosa em Juiz de Fora. Juiz de Fora, UFJF, 2003.

<sup>9</sup> Sobre esse assunto ver NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade masculina e experiência religiosa pentecostal. In: HEILBORN, M. L.; DUARTE, L. F. D.; PEIXOTO, ; BARROS, M. L. de (Orgs.) Sexualidade, família e ethos religioso. R. J: Garamond, 2005.

*“Era pecado ser real, era pecado você sentir. Então o que que vai acontecer com você sentir e não poder? Você vai frustrar. E você vai frustrar sendo mulher porque quer ser homem, ou você vai frustrar sendo mulher porque quer ter a relação com o homem”.*

Quanto a aceitação do concurso um dos entrevistados, que participou nos primórdios do concurso como candidata, disse:

*“a Igreja Católica na missa de domingo criticava a gente. (...) Aí depois entrou os pastores começando a fazer campanha contra. Eles distribuía panfletos do lado de fora. Nós éramos tudo filho do capeta. Essas coisas bobonas assim”.*

Nos jornais da cidade também continuamos a encontrar matérias de cunho preconceituoso. É na década de 1990 que encontramos o maior número de matérias sobre o tema da homossexualidade. Permanecem matérias marginalizadoras e de cunho religioso. No ano de 1995, Nara Campos Coelho, representando a Casa Espírita de Juiz de Fora “casa do caminho”, escreve sobre a homossexualidade afirmando que ela é um desvio da sexualidade, um desvio da alma. A autora da matéria diz ainda que aqueles que carregam o fardo da homossexualidade devem ser amados, compreendidos e respeitados, contudo, não se encontram num estado de normalidade. Vale destacar suas palavras sobre a questão: “O amor entre pessoas é livre. Mas o sexo não. Poluir-lhes as fontes divinas é tão (ou mais!) grave quanto poluir a natureza, revelando a ignorância das leis divinas. E a Terra é a casa de Deus, onde os filhos mais felizes são sempre aqueles que mais se harmonizam às leis do Pai”. (TRIBUNA DE MINAS, 19 de agosto de 1995, p. 02).

Em abril de 2003 o Vaticano publicou um polêmico glossário de termos sexuais.

Trata-se do Léxico para termos ambíguos e coloquiais sobre vida familiar e questões éticas. O capítulo sobre homossexualidade e homofobia afirma que a homossexualidade deriva de um conflito psicológico não resolvido, afirma ainda que os homossexuais não são normais e que os países que permitem os casamentos unissexuais são habitados por pessoas com mentes profundamente perturbadas. (JURKEWICZ, 2005, p. 49)

Contudo, a autora reconhece que este pensamento não é unânime no interior do cristianismo e que até mesmo nas mais altas hierarquias da Igreja Católica há aqueles que já demonstram maior abertura a este debate, posicionando-se de forma menos radical. Ainda no campo religioso, mas também político, recentemente, no dia 18 de junho de 2013, sob o comando do deputado federal do PSC/SP Marco Feliciano, a Comissão de Direitos Humanos da Câmara aprovou um projeto que permite aos psicólogos o tratamento com o propósito de curar os homossexuais. O Jornal Folha de São Paulo nos informa que esta aprovação foi uma vitória da bancada evangélica do país, que há dois anos objetivava tal aprovação. Esta proposta é conhecida como “cura gay”. Vale ressaltar que esta proposta foi rejeitada pelo Conselho Federal de Psicologia e foi alvo de diversas manifestações de protesto em todo o país, considerando a ideia algo retrógrado e renovação de um pensamento conservador.

O presidente do Movimento Gay de Minas, em Juiz de Fora, entende que o tripé doença, pecado e crime continua presente na sociedade para explicar e justificar a forma de tratamento dado à homossexualidade. Contudo, acredita que esta situação vem mudando pra melhor, sendo reduzida. Em sua opinião, cabe aos diversos movimentos sociais e ONGS existentes no Brasil romper com este olhar preconceituoso e marginalizador. Acredita que a responsabilidade maior é prioritária destes movimentos, mas enfatizou que toda a sociedade, todos aqueles que defendem os direitos humanos, devem lutar também. Justifica seu posicionamento porque os heterossexuais, familiares de homossexuais, são atacados, sofrem as consequências da coragem daquele que assume ser homossexual, daquele que “sai do armário”.

## Considerações Finais

A história da formação da identidade homossexual no Brasil, do público LGBT, é composta por contradições, limites e dissensões internas que estiveram e ainda estão presentes no conjunto de desafios enfrentados pelos diferentes grupos representados nesta sigla. A relação entre os diferentes grupos que se organizam nem sempre ocorre de maneira tranquila. Tensões entre lésbicas, travestis, bissexuais são constantes. A própria nomenclatura LGBT resultou de conflitos, onde determinados segmentos se sentiam mais ou menos representados. Simões e Faccini (2009) nos esclarecem esta questão, afirmando que nesta luta, nem tudo são flores.

O concurso se desenvolve formando uma identidade, e apela pela aceitação pública dos homossexuais em Juiz de Fora. A imagem feminina, representada nos concursos, faz parte de um imaginário social de longa data sobre os homossexuais, que são descritos como efeminados, delicados como as mulheres. Este modelo aceito está envolto num espectro homofóbico e sexista. Contudo, tolerado enquanto permanecer silenciado e alegre. É a imagem de um sujeito submisso às normas sociais estabelecidas. Como nos diz Welzer-Lang, (2001), este quadro faz parte de uma sociedade heterossexista, que sobrepõe o modelo heterossexual aos demais, considerando as outras sexualidades anormais. O controle social pressiona estes sujeitos a responderem positivamente às regras sociais. O diálogo é difícil. A palavra gay, que significa alegria, torna preconceituosa a imagem de que os homossexuais devem ser vistos assim, como aqueles que transmitem alegria, divertimento. Por um tempo este controle social da identidade homossexual parece ter ocorrido de forma eficaz, sem se prever que algo maior poderia ocorrer. Hall (2005), no estudo sobre identidade, aborda sobre o sujeito pós-moderno. A identidade deste sujeito é constantemente alterada, transformada historicamente, e não biologicamente. O advento da AIDS, o desenvolvimento tecnológico e criação de redes sociais que ampliaram espaços de debate e homofobia, as conquistas políticas, os dados alarmantes sobre casos de violência, foram alguns dos fatos históricos que fizeram necessárias mudanças, trouxeram novos questionamentos e adaptações na identidade do sujeito homossexual.

Por fim, alguns desafios permanecem na construção desta/s identidade/s homossexual. Além da não superação da homofobia, que continua sendo um enorme desafio em todo o país, permanece viva a ideia de que a homossexualidade é crime, castigo e doença. Borrillo (2010) nos diz que por não haver uma proteção jurídica efetiva contra o ódio homofóbico, os homossexuais ficam numa situação vulnerável, tendo o triste privilégio de ver a homossexualidade combatida, durante séculos, enquanto pecado, crime e doença. O atual presidente do MGM deixou esta atualidade clara em sua fala, assumindo que este tripé permanece vivo nos dias atuais. Os constantes assassinatos de homossexuais, a crítica severa de religiosos, condenando ao inferno estes sujeitos, e a prisão de alguns que ainda são considerados baderneiros e desordeiros, deixa notória a presença deste tripé.

Vale ressaltar que tivemos alguns avanços. Há alas progressistas na igreja que buscam um diálogo mais aberto sobre o assunto. O atual Papa, Jorge Mario Bergoglio (entronizado no ano de 2013), que optou por ser chamado de Papa Francisco, assumiu publicamente que Deus ama os homossexuais, e que o Catecismo diz que não se deve marginalizar essas pessoas. “Elas devem ser integradas à sociedade. O problema não é ter esta tendência. Devemos ser irmãos”<sup>10</sup>. Igrejas como a Cristã Contemporânea, com sede em São Paulo e Rio de Janeiro, já não consideram a homossexualidade um pecado, tomam a união homossexual apenas como mais um dos diversos tipos de famílias existentes. O pastor fundador, Marcos Gladstone, é casado com o também pastor Fábio Inácio, com quem adotou dois filhos. Outro exemplo de abertura no campo da medicina e psicologia refere-se à proposta conhecida como “cura gay”. Aprovada em 2013, sob o comando do deputado federal do PSC/SP Marco Feliciano, o projeto permite aos psicólogos o tratamento com o propósito de curar os homossexuais. Contudo, a proposta foi rejeitada pelo Conselho Federal de Psicologia e foi alvo de diversas manifestações de protesto em todo o país, considerando a ideia algo retrógrado e renovação de um pensamento conservador.

---

<sup>10</sup> Fonte: Arq Rio. Arquidiocese de São Sebastião. **Palavras do Papa sobre homossexualidade são baseadas no Catecismo**. Acesso em 04/02/2015.

Queremos terminar nossos apontamentos deixando algumas palavras sobre o concurso Miss Brasil Gay de Juiz de Fora. Por mais fantasioso que possa parecer, e por mais que pretendesse criar uma identidade de conformação, passiva, feminina e aceitável nas rodas hétero e homossexuais, e ainda que seja organizado por um pequeno grupo, ao se tornar público, ao se destacar na cidade como um grande evento municipal, lançou luzes para que iniciativas mais politizadas ocorressem. Ao frequentarem o Sport Clube, muitos se mostraram, saíram do armário. Esta saída, esta aparição, permitiu que alguns se motivassem, criassem força e coragem para ir além do sorriso e da magia das misses. Se o concurso não pretendia se transformar numa luta diária, se almejava festejar em um único dia do ano a homossexualidade, outros decidiram que todos os dias são importantes para esta aparição. Ainda existe a fantasia, mas esta se complementa com uma agenda política séria, responsável e segura de que, avançando muito ou pouco, o caminho já está aberto, as portas destrancadas e os pés prontos a trilhar um caminho longo, difícil e imensamente empolgante, visto que fala de vida, de liberdade, de sonho.

**Abstract:** The purpose of this paper is to present the ways in which religion historically sought to define homosexuality and draw the profile of homosexual identity present in Juiz de Fora, since the Miss Brazil Gay contest in 1977. Our study begins in 1977, when it occurs the first contest Miss Gay in Juiz de Fora, and extends to the year 2000. The research was accomplished through the historical study of religious guidance socially learned about homosexuality, as well as the homosexual organization in Juiz de Fora, and also included conducting interviews with leaders and participants of the contest, and documentary analysis of the main newspapers of the city in the proposed period for the study. We believe that the values and religious beliefs interfere directly in the course of formation of this homosexual identity in Juiz de Fora city, and in present struggle of the LGBT movement in Brazil.

**Keywords :** Homosexuality. Religious and social control. Miss Brazil Gay contest. .



## Referências

ALMEIDA, Patrícia Lage de. *Elos de permanência: O lazer como preservação da memória coletiva dos libertos e de seus descendentes em Juiz de Fora no início do século XX*. Juiz de Fora, EDUFJF, 2008.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. SP: Paz e Terra, 1999.

COSTA, Mari Ângela Herédia da. *PRB-3 Meu ouvinte, meu amigo/a história do padre Wilson Valle da Costa*. Juiz de fora: Funalfa edições, 2003.

DUARTE, Marco José de O. Diversidade sexual e Política Nacional de Saúde Mental: contribuições pertinentes dos sujeitos insistentes. In: *Em Pauta: Teoria social e realidade contemporânea*. Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. RJ, v. 9, n.28, dezembro de 2011.

FACCHINI, Regina. Sopa de Letrinhas? *O movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos de 1990*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003 e 2005.

FISCHER, André. *Como o mundo virou gay? Crônicas sobre a nova ordem sexual*. São Paulo: Ediouro, 2008.

GUIA de direitos humanos GLBT. *Governo de Minas Gerais*. Ministério Público – MG. Belo Horizonte, 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural da pós-modernidade*. 10ª edição. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.

JURKEWICZ, Regina Soares. Cristianismo e homossexualidade. In: GROSSI, Miriam Pillar [et al.]. *Movimentos sociais, educação e sexualidades*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

NATIVIDADE, Marcelo. Homossexualidade masculina e experiência religiosa pentecostal. In: HEILBORN, M. L.; DUARTE, L. F. D.; PEIXOTO, ; BARROS, M. L. de (Orgs.) *Sexualidade, família e ethos religioso*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

PAULA, João Antônio de. *Raízes da Modernidade em Minas Gerais*. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2000.

SIMÕES NETO, José Pedro. A produção acadêmica sobre diversidade sexual. In: *Em Pauta: Teoria social e realidade contemporânea*. Revista da Faculdade de Serviço Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. RJ, v. 9, n.28, dezembro de 2011.

SIMÕES, Júlio Assis; FACCHINI, Regina. *Na trilha do arco-íris*. Do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

STEHLING, Luiz José. Conclusão. In: *Revista do Instituto histórico e geográfico*, ano IV, nº 4. Juiz de Fora, junho de 1968.

TREVISAN, João Silvério. *Devassos no paraíso*. São Paulo: Max Limonad, 1986.

VISCARDI, Cláudia Maria Ribeiro. Prefeitura e movimentos sociais: uma experiência de gestão participativa em Juiz de Fora – Minas Gerais. In: *Revista História e Perspectivas*, nº 12/13, Universidade Federal de Uberlândia (cursos de história) janeiro/dezembro de 1995.

WELZER-LANG, Daniel. *A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobias*. Estudos Feministas, ano 9, 2001. WWW.scielo.br

### **Jornais**

*JORNAL Abalo*, 2005.

*JORNAL MISS BRASIL GAY*, abril de 2005.

*O DIÁRIO* da tarde, edições de agosto, anos de 1977 a 1983.

*TRIBUNA DE MINAS*, edições de agosto, anos de 1984 a 2000.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - [www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes) em: 14/06/2016

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

[www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes)

[www.facebook.com/revistavozesdosvales](https://www.facebook.com/revistavozesdosvales)

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424

Periódico Científico Eletrônico gratuito (Acesso Aberto) divulgado nos programas brasileiros

*Stricto Sensu* (Mestrados e Doutorados) e em universidades de 38 países,

em diversas áreas do conhecimento.